**Homilia nas Missas com a Catequese || VI Domingo Comum C 2024**

1. Se perguntasse a qualquer um de vós, “*o que mais esperas ou o que mais desejas da vida?*”, certamente todos diriam: “*eu quero ser feliz*”. E quando pensamos nesta “felicidade”, pensamos quase sempre e apenas em *bem-est*ar, em *estar bem* na vida, em sucesso, em diversão, em saúde… Para muitos o decisivo para ser feliz é «ter dinheiro», para poder comprar e ter mais isto ou mais aquilo…
2. Todavia, os discípulos felizes, que Jesus tem diante de Si, não são pessoas ricas, não são pessoas “bem na vida”, com uma vida boa, divertida e sem problemas. Não. São pessoas pobres, de facto; são pessoas simples; são pessoas humildes, que se contentam com pouco, com aquilo que a natureza, a vida e o sacrifício lhes dão; são pessoas que sofrem com quem sofre. Muitos destes discípulos são pessoas mal-amadas, pessoas desprezadas, perseguidas, só pelo facto de seguirem Jesus.
3. Jesus diz então aos seus discípulos, olhos nos olhos, que eles são realmente felizes, bem-aventurados, felizardos, benditos. «Felizes sois vós»… E são felizes… já hoje, aqui e agora. Felizes, porquê?
	1. Porque, sendo pobres, nada tendo como seu, **são pessoas que esperam tudo de Deus.** Já não esperam nada dos homens e do mundo, para virem a ser felizes. Aprenderam a pôr toda a sua esperança em Deus. Só contam com Ele. Deus é a sua riqueza, a sua recompensa, a sua alegria.
	2. Mais ainda, são felizes, porque não têm o coração «atulhado» ou «entulhado» com tudo; têm ainda um espaço aberto no coração para esperar e receber algo mais; têm um futuro à sua frente. Tudo o que o seu coração deseja está para além da terra; está lá no céu. A felicidade que os discípulos de Jesus esperam só pode ser dada por Deus. Por isso, são felizes… não porque a vida lhes corre bem, mas porque têm posta em Deus a sua esperança! A sua esperança não se contenta com as coisas deste mundo, que acabam sempre por acabar... A sua esperança de felicidade chega até ao céu! Tem o céu como limite.
4. Eis porque Jesus deixa, em contraluz, uma palavra de alerta e de ameaça aos ricos, aos que se riem, aos que têm tudo, aos que se sentem satisfeitos com a sua «boa vida», com o seu bem-estar… e já não desejam nem esperam mais nada. Estes são infelizes; são uns tristes, uns desgraçados, uns malditos, porque «estão fartos com tudo» e nunca satisfeitos com nada; a sua riqueza impede-os de ver mais longe, de esperar mais além do que a vida presente. E portanto estes desgraçados nunca chegam a descobrir a verdadeira alegria de viver, a alegria de dar, de ajudar, nem agora, nem na vida futura. Já não esperam mais nada!
5. Irmãos e irmãs: também nós, quando esperamos ter tudo para sermos felizes… e acabámos por alcançar quase tudo, rapidamente nos damos conta de que não era bem isso que trazia alegria ao coração; o coração pede muito mais do que isso! Pede a vida que não acaba. Pede a felicidade plena, que ninguém mais nos possa mais tirar e só Deus pode dar.
6. A esperança, que marca este jubileu, tem o céu como meta, e, por isso, faz-nos peregrinos de uma Pátria melhor. As bem-aventuranças, estas felicitações que escutámos, “*elevam a nossa esperança para o céu, como nova Terra prometida*” (CIC 1820). Ora, o desejo do céu não nos limita a felicidade que sonhamos; antes dilata as artérias do nosso coração, para a grande esperança da vida eterna: esperamos novos céus, nova terra, mundo novo, coração novo, nova vida, vida nova, na Ressurreição do Senhor. Não esperamos as recompensas de Deus, mas esperamos a Deus como nossa recompensa.
7. Se eu pudesse, traduzir tudo isto numa oração, eu rezaria assim, inspirado nestas quatro bem-aventuras e nas quatro imprecações do Evangelho de hoje:

“*Dá-nos, Senhor, uma vida feliz, mas livra-nos de uma mesa cheia; livra-nos do risco de um coração enfartado, sem fome de uma vida maior.*

*Dá-nos, Senhor, uma vida feliz, mas livra-nos da indiferença: livra-nos de um coração rígido e seco, sem lágrimas de compaixão.*

*Dá-nos, Senhor, uma vida feliz, mas livra-nos de uma vida sem lutas; livra-nos de um coração vazio e vendido à paz podre das conveniências.*

*Dá-nos, Senhor, uma vida feliz, mas livra-nos de já não esperar nada. Seja antes o nosso coração a arca do tesouro que dura para a vida eterna.*

 *Ámen*.